

Lima Barreto Como Pensador Social: breves considerações sobre o lugar do negro na Primeira República

Silvana Mansano

Resumo

Este artigo tem por objetivo analisar alguns pontos sobre o lugar reservado ao negro após a abolição da escravatura. Sob o olhar do escritor Lima Barreto, analisaremos como o processo modernizador ocorrido na Primeira República (1889-1930) expurgou o negro recém liberto para os arredores das cidades. A partir deste recorte, veremos como as favelas foram formadas e como o escritor nos mostrou, em muitas de suas obras, que esta suburbanização foi se moldando para se transformar num elemento de segregação racial. Lima Barreto denunciou que os negros foram abandonados pelo poder público, ao mesmo tempo em que não encontraram a acolhida da sociedade. As primeiras formações do que hoje conhecemos como favelas estão descritas em suas obras e, por isso, faremos aqui o resgate de como elas surgiram. Para isso, além de citar algumas obras, traremos um conto específico do autor - *O Moleque* - em que mostraremos como o escritor constrói a narrativa e lança, como protagonistas, dois personagens negros. Utilizando o método de análise sociológica proposto por Antonio Candido (2006), buscaremos fazer emergir as peculiaridades da forma de expressão de Lima Barreto, para entendermos a estruturação histórica descrita, suas dinâmicas e contradições. Como resultado da pesquisa, mostraremos como a literatura pode ser uma importante fonte de compreensão dos dilemas da sociedade em uma determinada época e, ainda, que Lima Barreto foi um importante pensador social.

Palavras-Chave: Lima Barreto; Favela; O Moleque; Pensamento Social; Primeira República.

1. Introdução

O escritor *Afonso Henriques de Lima Barreto* (1881-1922) tem sido reconhecido por muitos intelectuais como fonte importante de compreensão de muitos dilemas que se apresentavam na Primeira República (1890-1930). Como escritor negro, de origem modesta e vítima de racismo, elabora uma literatura que se torna um meio de denúncia de muitas situações ultrajantes que se abatiam sobre a população – em especial os negros e pobres, a parte mais vulnerável da sociedade.

É com seu biógrafo Francisco de Assis Barbosa (2012) que temos as maiores informações sobre o escritor. Nascido no dia 13 de maio de 1881, na cidade do Rio de Janeiro, Afonso Henriques de Lima Barreto era filho de um tipógrafo e de uma professora, sendo ambos negros. Com uma vida turbulenta, sofrendo diversos bloqueios sociais e financeiros, Lima Barreto desenvolverá sua literatura com afinco. O escritor nos deixa uma grande produção literária, com 17 obras e cerca de 440 crônicas e contos que tratam dos mais variados assuntos (Sant'anna, 2013).

É em 1904 que começa a desenvolver o romance *Clara dos Anjos*, que será finalizado, após sucessivas interrupções, em 1922. Em 1905 inicia *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, que será publicado somente em 1909. Em 1907, com mais alguns amigos também

jornalistas, funda a *Revista Floreal*. Seu romance mais conhecido, *Triste fim de Policarpo Quaresma*, começa a ser publica no *Jornal do Comércio* a partir de 1911.

Os problemas de saúde do escritor, ligados ao alcoolismo, o leva para primeira internação em 1914 no Hospício Nacional. Apesar das adversidades econômicas e de saúde, prossegue como colaborador no *Jornal Correio da Manhã* e a revista *Careta*. Em 1915 publica seu romance satírico *Numa e Ninfa*. Em 1916 sofre a segunda internação no Hospício Nacional. Em 1917 teve sua candidatura à Academia Brasileira de Letras ignorada e, na mesma época, passa a apoiar greves, movimento anarquista, além de escrever na imprensa socialista. *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá* é publicado em 1919. Novamente se candidata à Academia Brasileira de Letras, mas novamente é ignorado. Em 1º de novembro de 1922, aos 41 anos, falece vítima de gripe e enfarto.

Lima Barreto viveu em um período turbulento e pode presenciar grandes mudanças físicas e sociais do Rio de Janeiro. O Brasil necessitava se modernizar e, para tanto, era preciso de uma nova “roupagem” que fosse apartada de mais de três séculos de escravidão e seguir nos moldes da *Belle Époque* (Sevcenko, 1995). Mas o país acabara de sair de séculos de escravidão e, após a abolição, não foi pensado em meios de absorver esses libertos como mão-de-obra, eles não estariam incluídos no processo modernizador (Saes, 1985).

Tendo Rodrigues Alves (1902-1906) na presidência do Brasil, que em seguida nomeou como prefeito do Rio de Janeiro o engenheiro Pereira Passos (1902-1906), a ideia era intensificar e trazer rapidamente esse ar de modernidade à capital (Carvalho, 1987). A cidade já havia feito algumas grandes mudanças em 1893, como a demolição do grande cortiço “Cabeça de Porco”, que desalojou milhares de pessoas que, sem ter para onde ir, começaram a rumar para os arredores e morros da cidade (Chalhoub, 2012).

Mas o prefeito Pereira Passos, no início do Século XX, tem outro grande problema em suas mãos, que é a proliferação de doenças como tifo, malária, febre amarela, tuberculose, cólera etc. O homem selecionado para solucionar esse problema é o médico sanitarista Oswaldo Cruz, que determina a remoção imediata de inúmeros cortiços no centro da cidade, o que culminará numa grande rebelião denominada Revolta da Vacina. (Sevcenko, 2003). A revolta é sufocada, o que resulta no fato de que a população negra e pobre será a mais afetada, tendo que se retirar rapidamente do centro, rumando aos subúrbios e morros da cidade.

Não podemos deixar de mencionar que as teorias raciais, adotadas pelos homens das ciências para pensar em meios de impulsionar o Brasil à modernização, foi um suporte importante ao alijamento do negro para o entorno das cidades (Schwarcz, 1993). Ainda segundo

Schwarcz, o argumento racial foi política e historicamente construído, bem como o conceito de “raça” que, além de sua interpretação biológica, acabou recebendo uma interpretação racial.

Para Sevckenko (1995), as mudanças ocorridas na capital do Brasil são forçadas para que se abra o caminho para a modernidade que vem da Europa, em especial da França e da cidade de Paris e, com isso, as tradições regionais que não faziam parte dessa nova fase serão perseguidas. É dessa forma que a literatura surge como contraponto a um pensamento social que foi posto por essa República. O estudioso nos explica que a arte é um instrumento eficaz para modificar uma situação, já que sua correta utilização tem um efeito decisivo sobre a comunidade; a literatura facilita a comunicação entre os homens, sendo ao mesmo tempo um veículo de valores éticos superiores e uma condicionadora de comportamentos. Dessa forma Lima Barreto se mostra uma voz solitária contra os abusos e injustiças do período (Sevckenko, 1995).

Lima Barreto, acostumado a escrever para jornais, pois esta era uma das suas fontes de renda e também espaço de militância, trilhou um caminho na contramão da literatura dominante do período, sem se vergar aos poderosos. A linguagem simples e direta, adquirida também do ofício de jornalista, dava a ele a oportunidade de falar a todas as camadas da população (ao menos era esse seu desejo) e também sobre assuntos variados que poucos davam a devida atenção, como os moradores de comunidades carentes e denunciar desmandos do poder público. E é com esta escrita mais livre de amarras formais que Lima Barreto será um dos precursores do Modernismo. Assim apontou Carlos Nelson Coutinho:

Com Lima Barreto, iniciou-se para a literatura brasileira uma nova etapa – moderna e popular – do realismo. Tanto em sua obra estética quanto em sua produção jornalística, o romancista carioca rompe decisivamente com qualquer versão do “intimismo à sombra do poder”, colocando com grande clareza a dimensão social e humanista do ofício literário. Diante de todas as questões que enfrentou, como escritor ou periodista, Lima sempre tentou encontrar (e na esmagadora maioria dos casos efetivamente encontrou) uma resposta autenticamente democrática e popular, capaz de abrir novos horizontes – ideológicos e estéticos – para a cultura e para a arte de nosso país (Coutinho, 1972, p. 54).

Colocado até aqui a apresentação do escritor e as tensões político-sociais da nossa jovem república, veremos agora parte do *problema* que trataremos, ou seja, o expurgo do negro para o entorno das cidades, onde não havia a presença do poder público e, para esta análise específica, escolhemos o conto *O Moleque*. Também queremos demonstrar a importância de Lima Barreto para o pensamento social brasileiro, pois refletiu como poucos os problemas do Brasil daquele período. Assim, adiante esmiuçaremos como esse expurgo ocorreu, como as

favelas se formaram, como essa suburbanidade se tornou um marcador de segregação física e racial e como a crônica do escritor soube capturar e denunciar esses dilemas.

O conto de Lima Barreto foi apresentado ao público pela primeira vez no livro *Histórias e Sonhos*, de 1920. *O Moleque* traz a história do menino Zeca, de cerca de 9 anos, que mora na comunidade que recebeu o nome indígena de Inhaúma, com sua mãe, que é lavadeira. O menino é arrimo desta mãe solo, dona Felismina, que depende da criança para buscar e entregar as roupas, ir à venda, fazer compras, levar recados. A vida desta criança, cercada de infortúnios de todos os tipos, será o mote para Lima Barreto mostrar as condições de vida e moradia da população humilde de uma comunidade que vive sem nenhum tipo de presença e auxílio do poder público.

Usaremos como *metodologia* o ensinamento de Antonio Candido (2006), que consiste em demonstrar, dialeticamente, que numa obra literária o externo (fatores sociais) tornam-se internos, transformando-se em expressão artística. Desta forma, para Candido torna-se essencial considerar na interpretação o social como elemento da organicidade do texto e da composição da história, e não apenas alegoria do contexto em que se insere o texto analisado. Para compreender como o externo transforma-se em interno se faz necessário analisar as mediações entre os processos sociais mais amplos e a realidade social plasmada na articulação interna dos conceitos ou pressupostos dos textos investigados.

Segundo Antonio Candido (2006) todos os grandes realistas possuem a capacidade de intuir certos princípios construtivos da sociedade, além dos fragmentos que descreveram em seus livros. Isto é, sendo estes os elementos ocultos que agem, por assim dizer, como totalizadores dos aspectos parciais. Neste sentido que se sustenta a importância da *dialética da ordem e desordem* para o trato com textos ficcionais (realistas e representativos), uma vez que estes textos manifestam concretamente as relações humanas no plano do livro formando um sistema de referências cujo princípio estrutural gera um esqueleto de sustentação esteticamente formalizado em relação a circunstâncias de caráter social significativo como modos de existência e, por tudo isso, contribui profundamente para alcançar os leitores. Mas este efeito se realiza na medida que (a) na sua construção, da sociedade descrita na obra, opera-se uma ordem que se comunica com uma desordem que a cerca de todos os lados e (b) a sua correspondência profunda a certos aspectos assumidos na relação entre ordem e desordem na sociedade.

A *hipótese*, ao final, é demonstrar como o escritor Lima Barreto foi capaz de catalisar os problemas sociais existentes e nos apresentar um *pensamento social* pujante e revelador de um período marcado por grande exclusão. Nas obras do escritor, suas interpretações sobre o Brasil

nos mostram que o elemento da desigualdade racial está sempre presente como um dos males que moldaram as mais variadas ordens de relações assimétricas e a nossa sociabilidade desajustada, cuja persistência velada ainda é uma dor palpável no dia a dia, sentida na pele por uma grande fração da população brasileira.

2. O lugar do negro após a abolição

Como já mencionado, o processo modernizador foi mais um grande impacto na vida dos negros. Estavam libertos, mas sem igualdade de direitos, sem moradia e sem amparo do Estado. As condições em que passaram a viver eram insalubres, sem nenhum tipo de ajuda para se adaptarem às novas condições econômicas, ao trabalho ou à educação (Chalhoub, 2012).

De acordo com Octávio Ianni (2004), a abolição, aliada ao incentivo à imigração, vão acentuar o abandono da população negra recém liberta. O imigrante, mais bem afeito aos moldes da nova ordem de trabalho, serão a saída perfeita para uma força de trabalho branca e pujante. O branqueamento da população estará presente nas primeiras décadas do novo século, sendo que o negro, o índio e os miscigenados serão colocados à margem de preferência para o trabalho. A imigração foi usada para a redefinição social e cultural do trabalho braçal, tornando-a atividade honrosa, limpa da chaga da escravidão. Não podemos deixar de mencionar que avançavam as modificações das condições de produção (forças produtivas e relações de produção), modificando ideias, princípios e categorias (2004).

Ainda segundo Ianni (2004), estava em marcha a revolução burguesa, que fez a cisão entre a propriedade da força de trabalho e a propriedade dos meios de produção. Sem a força de trabalho escravo, a sociedade burguesa inicia seu desenvolvimento. Foi isso que fez a valorização do trabalhador imigrante branco crescer, em especial o europeu, passando a ser o símbolo da redefinição social e cultural do trabalho braçal.

O arianismo vem por dentro da revolução burguesa em marcha, por dentro desse processo fundamental de redefinição do trabalho e trabalhador, ou seja, força de trabalho. Tanto assim que um ingrediente desse mesmo arianismo é a tese de que o índio, o negro e até o trabalhador nacional branco se entregavam à luxúria ne à preguiça. Tristeza, luxúria, cobiça e preguiça eram os pecados do índio, caboclo, negro e mulato, enquanto não se ajustassem às exigências do mercado da força de trabalho, do trabalho submetido ao capital, na fazenda, engenho, usina, estância, seringal, oficina, fábrica. Tratava-se de definir o trabalhador para redefinir a força de trabalho. Redefinir as condições de produção do lucro, ou mais-valia, ao mesmo tempo que o trabalhador, já que este era o proprietário da principal força produtiva (Ianni, 2004, p. 134).

Enquanto este processo de exclusão dos negros ocorria, a classe média fazia vistas grossas ao não-lugar em que esta população recém liberta se alocaria na nova conformação social. Para Décio Saes (2001) o Brasil aboliu a escravidão, mas deixou intocado o problema do negro, resolvendo apenas os problemas dos brancos.

Mas, diante deste quadro dramático da população negra, com o abandono total da sociedade e do poder público, onde estaria este negro no processo modernizador? Florestan Fernandes (2008) trata do drama vivido pelo negro nas décadas subsequentes à abolição da escravidão, sua complexa adaptabilidade ao novo tipo de relação de trabalho, a inferioridade perante os imigrantes brancos e o expurgo para o entorno das cidades ou a vida no centro, onde passam a viver amontoados em cortiços. Assim, Florestan reflete sobre o nascimento da sociedade de classes onde nem o Estado nem as famílias brancas se empenharam para fazer essa transição, sendo que os benefícios para quem vem da escravidão são bloqueados de todas as formas.¹

Ainda segundo Fernandes (2008), após a abolição, a maior parte dos negros teve que se deslocar para os grandes centros urbanos, mas que isso não alterou a posição do negro na sociedade de classes ou no sistema de relações econômicas. Assim, não ficaram à margem apenas do novo processo econômico que se iniciava, mas de toda reorganização urbana. Neste início de Século, metade da população da cidade de São Paulo era composta de homens e mulheres negros ou mulatos. Junte-se a esse cenário a grande massa de imigrantes vindos da Europa, que passaram a ser privilegiados nas novas ocupações de trabalho – comércio, indústria, funcionalismo público etc – em detrimento do negro.

No caso da cidade do Rio de Janeiro, em especial, houve a reformulação dos centros urbanos, onde o Prefeito Pereira Passos (1902-1906), com a desculpa de fazer o saneamento devido à proliferação de doenças, removeu a população do centro sem lhes dar um novo local de moradia, apenas os expulsou e eles seguiram as linhas de trem, povoando ao redor e formando os subúrbios, ou subiram os morros (Sevcenko, 2003).

Esses negros, empurrados para os arredores da cidade, não foram considerados cidadãos com direitos. Como diz Carvalho (1990) a *cidadania* no Brasil foi instituída de cima para baixo, sem atenção àqueles que mais necessitavam. Quando Carvalho compara os conceitos de

¹ Florestan Fernandes utiliza de métodos empíricos coletados em épocas distintas, localizando toda sua pesquisa na cidade de São Paulo, relatando as transformações na vida urbana no final do Século XIX e início do Século XX e descortinando a posição que o negro teve nessa nova sociedade que se formava. Mesmo tendo sua obra baseada na população negra da capital de São Paulo, há como tecer um paralelo com o que ocorria no Rio de Janeiro descrito por Lima Barreto

cidadania inglesa e alemã, usando os parâmetros de comparação de Turner, chega à conclusão que esses parâmetros não se aplicam ao Brasil, pois aqui tivemos a escravidão e isso nos marcou profundamente. Isso faz com que não tenhamos o civismo inglês, nem mesmo a disciplina civil alemã; aqui seremos marcados pelo latifúndio e pelo patriarcalismo, o que implicará na negação da cidadania à imensa população pobre, em especial aos negros e seus descendentes.

No caso brasileiro, a centralidade do Estado não indica seu caráter público e universalista. Isto porque, de um lado, o Estado coopta seletivamente os cidadãos e, de outro, os cidadãos buscam o Estado para o atendimento de interesses privados. Entre nós há uma grande dependência em relação ao Estado e o extremado legalismo se contrapõem à atitude frequentemente desrespeitosa e anarquizante diante do poder e das leis [...] O Cidadão inativo é o súdito, produto de cidadania desenvolvida de cima para baixo. O indivíduo paroquial seria o não cidadão (Carvalho, 1990, p. 339).

Para Silva, “cidadania é ter consciência de que é um cidadão possuidor de direitos.” (2014, pp. 45-49). Mas o que tivemos no Brasil foi simplesmente uma exclusão completa dos direitos dos cidadãos pobres e negros, em especial. É dessa forma que Lima Barreto retrata um drama de pessoas que despossuíam qualquer tipo de consciência dos seus direitos, afinal, isso levaria anos para ser organizado, pois “o caminho para uma cidadania ativa para o brasileiro parece ser um caminho muito mais longo do que para os súditos inglês e alemão.” (Carvalho, 1990, p. 356).

O historiador Sidney Chalhoub chama a atenção para o fato de que os governantes, em diversas frentes, faziam questão de acentuar e aprofundar que essa camada mais vulnerável da sociedade não se desenvolvia por escolha própria, afinal era repleta de vícios e maus costumes que nunca seriam superados.

[...] os pobres carregam vícios, os vícios produzem os malfeitores, os malfeitores são perigosos à sociedade; juntando os extremos da cadeia, temos a noção de que os pobres são, por definição, perigosos. [...] Assim é que a noção de que a pobreza de um indivíduo era fato suficiente para torná-lo um malfeitor em potencial teve enormes consequências para a história subsequente do nosso país (Chalhoub, 2017, p. 26).

Em contrapartida, o homem branco foi construído como forte, resistente, trabalhador e provedor de família. A construção dessas impressões entre brancos e negros, imprime no imaginário social que a raça negra deve ser afastada – o que causará, pelas décadas seguintes, uma cisão social importante, que implicará em casos recorrentes de racismo e bloqueamentos sociais de todo tipo. Para Fernandes (1980, n.p.) existe todo um complexo de privilégios de comportamentos e valores numa ordem social arcaica que pode seguir se mantendo intacta, tudo em favor dos estratos dominantes da sociedade. Então, dessa forma “as elites e as classes

privilegiadas não precisavam levar a revolução social à esfera das relações sociais, na qual a democracia germinaria espontaneamente.”²

Neste contexto de extrema exclusão a que era submetida a população negra, Lima Barreto surgiu como uma voz dissonante, que se insurgiu contra esta situação aviltante que não era denunciada com a importância que merecia. Negro e morador de um subúrbio com muita exclusão, vindo de uma infância difícil, Lima Barreto sabia dos problemas que relatava, sua literatura era parte de uma militância para fazer a sociedade enxergar essa tremenda exclusão de parte da população. Ele sabia que, mesmo não havendo um conflito racial aberto entre brancos e negros, era nítida a construção de um negro que não era compatível com a realidade que ele vivenciava. Segundo Candido, a literatura de Lima Barreto é aquela que funde problemas que ele vivia, com o drama social que o cercava, “como, por exemplo, a pobreza, que dilacera o indivíduo, mas é devida à organização defeituosa da sociedade; ou o preconceito, traduzido em angústia, mas decorrendo das normas e interesses de grupos.” (Candido, 1987, p. 39).

3. A formação das favelas

Segundo Rômulo Mattos (2007), pouco se fala sobre o fato de Lima Barreto ter sido um dos principais defensores das favelas na Primeira República. Seus livros e crônicas sobre essa temática remontam ao início dos anos de 1920, quando o processo de favelização da cidade do Rio de Janeiro foi para várias direções, tornando-se incontrolável. Ainda de acordo com Mattos (2007), referido processo foi incrementado pela compra de lotes pelos trabalhadores. No conto *O Moleque*, Lima Barreto busca descrever as condições de moradia dessa parcela da população que foi morar no que ele denominava de subúrbio.

Mattos ainda explica que, na época em que o conto foi escrito, havia um projeto de construção de casas populares, sendo que a imprensa tratava a população negra das comunidades carentes com palavras pejorativas:

[...] ao longo de 1920, o Correio da Manhã empreendeu uma campanha pela construção de casas populares, na qual empregou discursos bastante pejorativos contra a população que vivia nas habitações coletivas e nas favelas. Dessa forma, não teria sido coincidência o fato de o intelectual boêmio ter tratado dos “casebres” e dos “barracões” quando a questão da habitação explodiu na grande imprensa. Levando-se

² Parte de um texto que foi publicado originalmente no jornal Folha de S. Paulo dia 08 de junho de 1980 e republicado pela UFSC, sendo que está disponível em: https://lastro.ufsc.br/?page_id=1302. Acessado em 29 Jul 2024.

em consideração a forte rivalidade que havia entre a aludida empresa de comunicação e o escrito – além, é claro, da própria “função crítica, combatente e ativista de seus escritos [...] é tentadora a hipótese segundo a qual esse último tenha entrado em franca concorrência com aquele jornal. Nesse caso, o seu objetivo seria o de apresentar uma imagem mais digna dos moradores das favelas (Mattos, 2007, n.p).

Como vemos, o conto de Lima Barreto está atento ao contexto e às turbulências do período. Até por ter crescido em uma comunidade carente, o escritor, que usa sua literatura como ferramenta de combate às desigualdades, a descrição das moradias é tão rica de detalhes.

O termo *favela* foi descrito pela primeira vez no livro *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, e se refere a um tipo de arbusto do mesmo nome e muito comum naquela região do Nordeste, onde ocorreu a Guerra de Canudos. Assim explica Henrique Dias da Cruz:

A favela tem sua toponímia ligada à chamada “guerra de Canudos”. Terminara a luta na Baía. Regressavam as tropas que haviam dado combate e extinguiram o fanatismo de Antônio Conselheiro. Muitos soldados solteiros vieram acompanhados de “cabrochas”. Elas queriam ver a Côte... Esses soldados tiveram de arranjar moradas. Foram para o antigo morro de S. Diogo e, aí, armaram o seu lar. As “cabrochas” eram naturais de uma serra chamada Favela, no município de Monte Santo, naquele Estado. Falavam muito, sempre da sua Baía, do seu morro. E aí ficou a Favela nas terras cariocas. Os barracões foram aparecendo, um a um. Primeiro, na aba da Providência, morro em que já morava uma numerosa população; depois, foi subindo, virou para o outro lado, para o Livramento. Nasceria a Favela. 1897 (Cruz, 1941, p.14).

Para Queiroz Filho (2011), não restam dúvidas sobre a origem da palavra *favela*, pois vem mesmo do livro *Os Sertões*, sendo que a obra de Euclides da Cunha teve papel fundamental na divulgação e cristalização do termo. Ainda para Queiroz Filho:

O surgimento dos assentamentos urbanos precários, mostram as evidências, remete a uma conjunção de dois principais fatos: demolição do maior cortiço da cidade, o Cabeça de Porco, e a autorização para que militares construíssem barracões no morro de Santo Antônio. A denominação favela ocorreria posteriormente, com a chegada dos ex-combatentes ao morro da Providência, re-batizado de Morro da Favela. Esse nome próprio se tornou substantivo, principalmente, pela ação de jornalistas e escritores, no qual se destaca Euclides da Cunha, que ajudaram a formar o imaginário coletivo sobre a favela (Queiroz Filho, 2011, p. 46).

Segundo a estudiosa Lícia Valladares (2005) o termo favela será reconhecido pela primeira vez quando usado no Código de Obras do Rio de Janeiro, em 1937. Ainda segundo a autora, estudiosos, escritores e jornalistas serão os responsáveis por difundir o tipo de vida que se levava nessas comunidades. Exatamente por isso, nas obras de Lima Barreto o termo usado para designar essa região com pouca ou nenhuma presença do poder público, é o *subúrbio*.

A expansão das favelas se intensifica a partir de 1890, sendo que a demolição do grande cortiço chamado “Cabeça de Porco”, em 1893, foi o estopim para a expulsão de moradores do centro do Rio de Janeiro para os arredores da cidade (Chalhoub, 2012; Sevcenko, 2003).

Rômulo Mattos (2007) fez uma pesquisa sobre as favelas nas obras de Lima Barreto e diz que, em 1920, o senso informou os resultados referentes a 1910, quando existiam 2.500 moradias em condições de favela: casas cobertas de sapé, palhoças, barracões de madeira e até mesmo verdadeiras tocas. O pesquisador diz que, a partir de 1920, o processo de favelização se intensificou de tal modo que se tornou multidirecional e incontrolável, sendo que um dos motivos foi a compra de terrenos pelo trabalhador, que passou a fazer a autoconstrução.

Não foi sem razão que Lima Barreto passou a tratar essas moradias como sendo a representação por excelência da pobreza na capital, condição essa que, nos decênios anteriores, reservara às casas de cômodos – conforme é possível verificar *Memórias do Escrivão Isaías Caminha*, de 1909, e *Triste fim de Policarpo Quaresma*, publicado em folhetim em 1911 e editado em livro no ano de 1915 (Mattos, 2007, s/p).

Para Florestan Fernandes (2008) o poder público, ao lançar o negro à própria sorte, além de fazê-lo morar tão precariamente, tornava muito mais complexa a sua adaptação ao novo modo de vida da cidade grande. Alie-se a isso a ausência de um programa do Estado para realocar, ensinar e inserir essa massa da população. Havia uma competição enorme entre eles, além da injusta competição com o imigrante branco, mais bem preparado. Florestan nos apresenta gráficos em que fica claro que o imigrante competiu, inclusive, com a população branca brasileira. Acostumados a poupar e vindos com o objetivo de “vencer”, os imigrantes trabalhavam arduamente e eram muito organizados, o que os fez despontarem rapidamente, em detrimento da população negra, desprovida de instrução e meios de competição.

Ainda segundo Fernandes (2008, pp. 50-53), o regime escravista não fez nenhum tipo de preparo para inserir o negro na nova ordem capitalista, não foram ensinados a serem trabalhadores livres ou mesmo a serem empresários. E é dessa forma que, aos poucos, os imigrantes tomaram o espaço, sendo que “os libertos foram gradualmente substituídos e eliminados pelo concorrente branco.”

Sem trabalho, sem moradia, sem oportunidades e sem programas de apoio do poder público, os subúrbios do escritor, hoje denominados *favelas*, terão um aumento vertiginoso. E sobre isso Lima Barreto fará inúmeras reflexões, trazendo ao leitor uma análise descritiva de grande riqueza para a compreensão daquele período. A seguir, tentaremos compreender porque o escritor escolhe os subúrbios para denunciar a exclusão da população negra do processo modernizador.

4. A denúncia na literatura de Lima Barreto: a suburbanização como elemento de segregação física e racial

Como vimos, Lima Barreto viveu em um período de intensas e importantes transformações sociais no Rio de Janeiro e, uma das mais impactantes para ele, foi o alijamento do negro para o entorno da cidade. Isso transforma a literatura do escritor, que passa a usá-la como uma forma de militância que denunciará este abandono. Para Belchior (2011), Lima Barreto assistiu ao nascimento desses subúrbios e, ser testemunha disso, o municiou com um olhar crítico sobre os dilemas, o abandono, as transições e as inúmeras adversidades que os moradores enfrentavam:

[...] Lima Barreto flagrou os subúrbios em processo de fazer-se “subúrbio”, no singular – uma categoria que, mais do que simplesmente a denominação de uma região, refere-se a modos de ser e de viver na cidade. Parecia não haver, naquele momento, uma consciência bem acabada do que era a vida nos subúrbios, por parte de seus próprios moradores e dos não suburbanos. O que existia eram identificações: fluxo contínuo de identidades em construção, modos de definir o lugar na cidade a partir do espaço vivido. Os subúrbios eram (e continuam sendo) múltiplos em sua dimensão territorial e social. Lima Barreto não se identificava com os subúrbios, mas identificava-os: lia e narrava identidades em construção (Belchior, 2008, p. 163).

A vida de Lima Barreto sempre esteve entre circular no centro do Rio de Janeiro e os subúrbios. Definia-se como grande andarilho que a tudo observava. Schwarcz (2017) diz que foi este caminhar entre bairros distintos que fez dele um grande *etnógrafo*. Ele observava esse Rio de Janeiro em transformação, a cidade que fez a exclusão do negro, como uma das grandes tragédias do período.

O escritor irá se aposentar em março de 1919, passando a ficar mais tempo em casa e a dedicar-se às leituras de jornais da época. Desse maior período de reclusão surgem muitas crônicas e é quando desenvolve grandes reflexões sobre como os jornais viam essa condição de moradia dos subúrbios (Barbosa, 2012). Ele, como morador de um subúrbio, já definia assim sua moradia, que chamava de *Quilombo*:

Mandei-a construir no antigo estilo campesino português, a conselho do meu amigo José Mariano, com largos beirais, pesadas telhas de calha, largas janelas e alguns arrebiques modernos. Tem dous pavimentos, tanto no edifício principal, como num secundário, onde está a casa das “fornalhas” e outros aposentos de utilidade. Os dois corpos da sala são ligados por um passadiço do mesmo gosto que ela. Olha o “Quilombo” a Serra dos Órgãos e, dos fundos, por cima do casario suburbano, avistam-se as montanhas do Andaraí. É preciso ficar sabido que o meu “Quilombo” se ergue na extremidade de uma pequena eminência sobre a velha Estrada Real de Santa Cruz: embaixo, na ponte, passa, relinchando, zumbindo, chacoalhando, o bonde

elétrico de Inhaúma, cujo cemitério vejo logo ao amanhecer, quando desperto, para bem me lembrar da minha perecível condição de homem; e à esquerda, a “lombada” cai a pique, devido a um corte para a passagem de um ramal férreo. [...]³

Nesta descrição acima já vemos que fala do subúrbio de *Inhaúma*, onde se passa a história do menino Zeca, do conto *O Moleque*. Como diz Lília Schwarcz (2017, p. 60), “no menino Zeca vemos o Lima Barreto na infância, uma criança que sempre teve grandes responsabilidades, já que sua mãe falece quando ele tem apenas sete anos e, com isso, vem as reflexões sobre uma vida difícil e a experiência de morar em condição precária.”

E, talvez por sua origem, o subúrbio se tornará muito importante em toda sua obra, é o seu lugar de fala, é o que conhece muito bem desde a infância. Ainda segundo Schwarcz (2017, p. 17), o escritor “escreveu a partir de sua região em especial. Foi assim que procurou atrair a atenção para os subúrbios cariocas, seus personagens, seu cotidiano”. Para Lima Barreto, o subúrbio não é apenas um espaço geográfico, mas uma delimitação social importante que marca (e marcará) nossa sociedade.

O “escritor-etnógrafo” fez da cidade do Rio de Janeiro seu mais importante objeto de estudo. E ele escreveu muito sobre o centro da cidade, servindo como contraponto ao subúrbio que tanto mencionava. Inclusive Beatriz Resende (2016, p. 88) considera que “as ruas da cidade são o *locus* do cronista, seu posto de observação, espaço onde desenvolve todas as suas filosofias, de onde retira pedaços para construir suas crônicas, cidade cuja topografia conhece como se fosse seu quarto”. Mesmo com este olhar atento ao centro da cidade, não deixará de falar dos arredores e de como esse local afeta os moradores, como ocorre na crônica *Bailes e divertimentos urbanos*, escrita em 1922, onde demonstra que morar em lugar tão distante e sem amparo retira do morador muito da alegria de viver, pois o deslocamento da casa ao trabalho não deixa sobrar tempo:

O subúrbio não se diverte mais. A vida é cara e as apreensões muitas, não permitindo prazeres simples e suaves, doces diversões familiares, equilibradas e plácidas. Precisa-se de ruído, de zambumba, de cansaço, para esquecer, para espantar as trevas que existem em torno da nossa vida, mais densas se fazem, dia para dia, acompanhando “pari-passu” as suntuosidades republicanas. Ele não mais se diverte inocentemente; o subúrbio se atordoia e se embriaga não só com o álcool, com a lascívia das danças novas que o esnobismo foi buscar no arsenal da hipocrisia norte-americana. Para as dificuldades materiais de sua precária existência, criou esse seu paraíso artificial, em cujas delícias transitórias mergulha, inebria-se minutos, para esperar, durante horas, dias e meses, um aumentozinho de vencimentos [...]⁴

³ BARRETO, Lima. “Graças a Deus!”. Careta, Rio de Janeiro, 17 set. 1921. In: RESENDE, Beatriz; VALENÇA, Rachel (orgs.), *op cit.*, vol. II, pp. 412-413

⁴ BARRETO, Lima. *Bailes e divertimentos urbanos*. In: *Marginália*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1956, p. 21

Assim, esse isolamento dos subúrbios transforma a vida de seus moradores de muitas formas. Como vimos, o esquecimento dos subúrbios foi uma questão muito cara para o escritor porque dali partiriam suas críticas ao abandono da população negra. Voltando à Beatriz Resende (2016), Lima Barreto pegou para si a constituição da cidadania de todos e, para falar disso, descreveu o subúrbio como um ambiente desprovido de qualquer respaldo do estado. E, com esse seu olhar atento, teceu uma antropologia do cotidiano e nos descreveu como era morar ali, além de mostrar a vida social com riqueza de detalhes, fazendo emergir os seres humanos esquecidos pela sociedade e seus dramas de viverem na exclusão.

Nas obras *Gonzaga de Sá*, *Triste fim de Policarpo Quaresma* e *Clara dos Anjos*, já estão presentes os subúrbios que tanto o aflige. Seu olhar solidário se faz presente na descrição de toda precariedade dos desvalidos. Mas também não deixa de utilizar uma verve irônica para mostrar ao leitor muitas situações que, apesar de difíceis, são contornadas pelos moradores. Assim, como aponta Amorim (2008, n.p), o escritor “Não dissimulava no humor ou na ironia, sua crítica às injustiças da sociedade de seu tempo. Adotou uma atitude de denúncia, de revolta permanente contra ideias, instituições e personalidades que considerava representativas do atraso, impedindo que cidadãos como ele ascendessem socialmente ou tivessem seu mérito reconhecido”.

Nas análises feitas por Chagas (2022), a criminalização da pobreza se torna o mote para a expulsão dos negros e pobres para o entorno das cidades, causando sua invisibilidade social. O autor, analisando também o conto *O moleque*, nos mostra que Lima Barreto trabalha a questão da criminalização do corpo negro, além de tecer importantes comentários sobre a situação de moradia dessa população. Ainda de acordo com Chagas, a cor é um marcador social importante para Lima Barreto, por isso sempre faz questão de realçar as diferentes “cores” do subúrbio:

Não à toa, como em vários momentos da prosa barretiana, o narrador chama a atenção para as variações de cor das personagens da trama ao afirmar, por exemplo, que Dona Emerenciana era “preta como Felismina” (...) e descrever Antonia como “uma rapariga branca” (...). Nesse caso em especial, é interessante perceber que o autor subverte jocosamente o jogo colonial dos enquadramentos, visto que a mulher negra e definida como honesta, ao passo que Antonia tem filhos “sempre sujos e rotos” (...), morando numa casa mais simples que as demais. Com isso, uma tradição de cinco séculos que associa a negritude à corrupção, à violência e à selvageria é subvertida por Lima Barreto, o qual, inclusive, define Felismina por sua “honra e virtude” (Chagas, 2022).

Em *Clara dos Anjos* (1922, p. 73), o escritor irá aprofundar-se na descrição do realmente significa morar em condições tão precárias e o que isso causa nas pessoas. Para o escritor “O

subúrbio é o refúgio dos infelizes. Os que perderam o emprego, as fortunas; os que faliram nos negócios, enfim, todos os que perderam a sua situação normal vão se aninhar lá; e todos os dias, bem cedo, lá descem à procura de amigos fiéis que os amparem, que lhes deem alguma coisa, para o sustento seu e dos filhos.”⁵ Aqui o escritor também irá denunciar a ausência total dos órgãos governamentais, quando diz: “Mais ou menos é assim o subúrbio, na sua pobreza e no abandono em que os poderes públicos o deixam.”⁶

Cabe observar que, nas obras de Lima Barreto, o escritor tem a imensa preocupação em mostrar o local em que o processo modernizador colocou o negro e, ao fazer isso, nos desvela que os sujeitos rejeitados e abandonados pela sociedade encontram em sua literatura uma redenção, pois emergem como centro articulador da narrativa.

E isso não será diferente no conto *O Moleque*. Tanto a mãe solo, Felismina, como a criança de tão tenra idade, o Zeca, serão humanizados e catapultados como protagonistas. Lima Barreto surge mais uma vez para denunciar ao leitor o abandono da população pobre e preta.

5. O Moleque

Como vimos, a publicação do conto *O Moleque*⁷ fica por volta de 1920, ano em que o jornal *O Correio da Manhã* intensifica seus ataques às habitações populares dos subúrbios (as favelas), como um posicionamento contrário ao movimento operário. Segundo o estudioso Mattos (2007), referido jornal era tido como um veículo de oposição política do Rio de Janeiro ao domínio político das oligarquias, porém, por desavenças ao Presidente Epitácio Pessoa, começou a dar espaço às críticas aos moradores suburbanos. Lima Barreto, por ser conhecedor do meio jornalístico, inicia uma batalha contrária, elogiando os moradores das favelas (Mattos, 2007).

Se o *Correio da Manhã* tecia ataques às favelas, seus barracões, casebres e, principalmente, seus moradores, Lima Barreto iria defendê-los. Não podemos nos esquecer da rusga antiga que havia entre o diretor de referido jornal, Edmundo Bittencourt, e o escritor: *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* havia sido escrito em 1909 e fazia duras críticas ao jornal e ao seu diretor, num romance que ficou conhecido por *roman à clef* (Barbosa, 2012). E, com esta desavença tão antiga, certo seria pensarmos que Lima Barreto sabia que poderia haver algo mais por detrás dessas investidas de Bittencourt contra os negros e operários. Outra

⁵ BARRETO, Lima. Clara dos Anjos. 11. ed. São Paulo: Ática, 1998, p. 73 (grifos meus)

⁶ Idem, p. 81.

⁷ Ao nos referirmos ao conto *O Moleque*, optamos por colocar somente a página em nota de rodapé, para deixarmos o trabalho mais fluido.

preocupação importante que pode ter levado o escritor a se preocupar mais com as favelas, foi a divulgação do senso de 1920, já mencionado, e que mostra uma explosão sem precedentes das moradias em condições de favela.

O conto *O Moleque* se passa em Inhaúma, na região Norte do Rio de Janeiro, sendo que logo no início o escritor elogia o fato de manter no nome as raízes indígenas, o tupi, “sem possuir nomes banais dos figurões”⁸. Para o escritor “Inhaúma é ainda dos poucos lugares da cidade que conserva o seu primitivo nome caboclo, zombando dos esforços dos nossos edis para apagá-lo”⁹.

Segundo o escritor, citando o geógrafo Reclus, os nomes indígenas eram uma forma de resistência e necessidade de conservarmos nomenclaturas indígenas: “Têm eles, diz o grande geógrafo, a vantagem de possuir quase todos um sentido claro, muito claro, nas suas palavras, exprimindo algum fato da natureza, a cor das águas correntes, a altura, a forma ou o aspecto dos rochedos, a vegetação ou a aridez da região”¹⁰. Citando a cidade do Rio de Janeiro como exemplo, que tinha por costume usar nomes de “figurões”, o escritor diz que usar os nomes tupis mostra o testemunho da existência de vivências anteriores. O que soa aos desavisados como informação banal, mostra um Lima Barreto atento à conservação de nomes que fizeram parte da nossa formação como país.

E, aos poucos, Lima Barreto irá contar quem mora em Inhaúma, lugar cercado de pobreza, mas de pessoas honestas e solidárias:

É um subúrbio de gente pobre, e o bonde que lá leva atravessa umas ruas de largura desigual, que, não se sabe por que, ora são muito estreitas, ora muito largas, bordadas de casas e casitas sem que nelas se depare um jardinzinho mais tratado ou se lobrigue, aos fundos, uma horta mais viçosa.¹¹

Outro ponto importante que o escritor levantará é a perseguição aos costumes religiosos dos que moram na favela. Segundo Sevcenko (1995), tudo que fosse relacionado à chaga da pobreza passa a ser perseguido por quem morasse no centro da cidade. Chamado de Cultura da Regeneração, essa perseguição se fará à cultura, como festas populares, músicas, capoeira, bem como às religiões de matriz africana e candomblé (1995). Mas, morar no subúrbio era a liberdade para muitas dessas pessoas, além de sair do campo da abstração da Igreja Católica:

⁸ BARRETO, Lima... *O Moleque*, p. 38.

⁹ Idem, p. 40

¹⁰ Idem, p. 40

¹¹ Idem, p. 41

Fogem para lá, sobretudo para seus morros e escuros arredores, aqueles que ainda querem cultivar a Divindade como seus avós. Nas suas redondezas, é o lugar das macumbas, das práticas de feitiçaria com que a teologia da polícia implica, pois não pode admitir nas nossas almas depósitos de crenças ancestrais. O espiritismo se mistura a eles e a sua difusão é pasmosa. A Igreja católica unicamente não satisfaz o nosso povo humilde. É quase abstrata para ele, teórica. Da divindade, não dá, apesar das imagens, de água benta e outros objetos do seu culto, nenhum sinal palpável, tangível de que ela está presente. O padre, para o grosso do povo, não se comunica no mal com ela; mas o médium, o feiticeiro, o macumbeiro, se não a recebem nos seus transes, recebem, entretanto, almas e espíritos que, por já não serem mais da terra, estão mais perto de Deus e participam um pouco da sua eterna e imensa sabedoria.¹²

Ao descrever as ruas do bairro, há um esforço do escritor de passar a imagem de que ali havia beleza também, não só tristeza. Mostra que as ruas são sulcadas pelas chuvas, mas cercadas de árvores frondosas, “os maricás”, que trazem um ar bucólico. Ao desvelar a moradia de Dona Felismina, é importante observar as descrições de muitos detalhes. O escritor diferencia “casinha ou choupana de sapê”, “choças” e “barracões”. Isso ocorre porque a mídia criticava os barracões e Lima Barreto explica que essa morada é muito mais evoluída, que há um esforço do pobre por morar melhor. “O barracão não é coberto de sapê, mas de zinco ou telhas”, “as paredes são feitas de tábuas; às vezes, verdadeiramente tábuas; em outras, de pedaços de caixões”. Mas nem por isso deixará de falar do abandono e, assim, tecer crítica ao Estado: “A cozinha é feita fora, sob um telheiro tosco, um puxado no telhado da edificação, para aproveitar o abrigo de uma das paredes da barraca; e tudo cercado do mais desolador abandono.”¹³

Ao descrever as moradias e seus habitantes, diz: “O barracão de dona Felismina era de um só aposento, mas o da vizinha, dona Emerenciana, tinha dous.”¹⁴ E segue “Defronte ficava a residência da Antônia, uma rapariga branca, com dous filhos pequenos, sempre sujos e rotos. A sua residência era mais modesta: as paredes do seu barraco eram de taipa”¹⁵. Lima Barreto cita que Felismina e Emerenciana eram negras, mas muito honestas. Há essa necessidade de falar da conduta ilibada das mulheres negras e isso o escritor faz para demonstrar que o fato de ser negro não se tratava de classe perigosa, como dizia a mídia.

Antonia já era branca, pouco mais de 20 anos, muito castigada pela vida, pobre, com dois filhos pequenos e mal tinham o que comer. As compras que fazia na venda do Antunes ou na padaria do Camargo, teria custado seu pudor de mulher, um indicativo que o escritor dava

¹² Idem, p. 42.

¹³ Idem, p. 42

¹⁴ Idem, p. 42

¹⁵ Idem, p. 43

de que a jovem se prostituía. Mesmo nessa condição, os vizinhos a tratavam bem, menos o Antunes, que a chamava de “vagabunda”¹⁴.

Lima Barreto, ao fazer um contraponto de Antonia – branca - com Felismina e Emerenciana – negras -, mostra que as duas mulheres gozavam de boa reputação na comunidade. Dona Felismina lavava roupas, morava em condição razoável, recebia uma pequena pensão do falecido marido. Mãe do pequeno Zeca, de 9 anos, que muito a ajudava nos afazeres de lavadeira, levando e buscando roupas. As mulheres se ajudavam de todas as formas, sem que se levasse em conta a conduta de alguém como Antonia, pois sabiam que ela precisava sobreviver.

Segundo Chalhoub, o ambiente adverso e hostil para as classes populares, criava condições para laços de solidariedade e ajuda mútua entre homens e mulheres, o que se tornava um aspecto fundamental de sobrevivência nos subúrbios. (2012, p. 185). Ainda segundo o estudioso, o trabalho remunerado é um aspecto essencial da construção de uma identidade social da mulher pobre, sendo que “o trabalho remunerado da mulher pobre era, em geral, uma extensão das funções domésticas, sendo realizado dentro de sua própria casa ou na casa da família que a empregava” e complementa que, mesmo sendo de baixa remuneração, traria relativa independência do homem (Chalhoub, 2012, p. 204).

Para Fernandes (2008), as condições insalubres onde viviam os negros serão uma marca importante na Primeira República. Diz que muitas das relações de casais eram efetivamente consumadas fora do matrimônio, crianças nasciam aos montes e cresciam nas ruas, homens se entregavam ao vício do álcool e as mulheres que não conseguiam trabalho como empregadas dos brancos, praticavam a prostituição. As mulheres que trabalhavam para a nova classe burguesa passaram a sustentar seus parceiros. Como diz o autor, “o êxito evidente e reconhecível, o conforto e o respeito dificilmente poderiam ser logrados por outras vias que não passassem pelo vício ou crime” (Fernandes, p. 172). E dessas condições do negro nasce o estigma de que ele seria perigoso e deveria ser ainda mais repellido de qualquer convívio social. Isso só fez aumentar o fosso social existente, sem que o negro se desse conta de como deveria agir e se unir para enfrentar essa nova sociedade. Dessa forma, segundo o autor, tudo o que fizesse no campo social ou cultural, era visto como pervertido pelo homem branco.

No conto Lima Barreto nos mostra que muitas pessoas de bem viviam nessa favela, inclusive gozando de muito respeito e consideração, como dona Felismina e seu moleque Zeca. Fala também de outros trabalhadores que moram ou que frequentam essa favela de Inhaúma, como “vendedores, carroceiros, verdureiros, carvoeiros, de passagens”; “gente sem ter que fazer que não se sabe como vive, mas vive honestamente”.

Dona Felismina, mãe do Zeca, não podia mandar o menino estudar, pois era seu arrimo, ele que buscava e levava as roupas para lá e para cá. Menino bem cuidado, “de carapinha sempre aparada”, não se metia em confusões, era obediente e seguia à risca as recomendações da mãe: “Era-lhe este seu filho o seu braço direito, o seu único esteio, o arrimo de sua vida com os seus nove ou dez anos de idade. Doce, resignado, e obediente, não havia ordem de sua mãe que ele não cumprisse religiosamente”. *Seu* Castro, coronel aposentado da alfândega, homem branco e de posses, um dos fregueses da lavadeira, quis que o menino fosse estudar fora, mas a mãe não podia, afinal como ia ela sobreviver sem o moleque? Sem desistir, *Seu* Castro oferece que ela vá trabalhar de empregada na casa dele, assim teria morada e comida enquanto o moleque estudava. Mas eis o que diz o escritor sobre mulheres como Felismina:

Titubeou a rapariga e o velho funcionário compreendeu, pois desde há muito já tinha compreendido, na gente de cor, especialmente nas negras, esse amor, esse apego à casa própria, à sua choupana, ao seu rancho, ao seu barracão - uma espécie de protesto de posse contra a dependência da escravidão que sofreram durante séculos¹⁶

Esse pouco que o negro excluído conquistou na Primeira República torna-se uma fortuna da qual não deseja abrir mão. Por isso, mesmo não podendo mandá-lo estudar, qualquer desvio do moleque e dona Felismina ficava atenta, pois ele deveria sempre ser ordeiro e andar corretamente, essa era a herança que iria lhe deixar, não ser ofendido nem confundido com moleque sem valores.

6. Considerações finais

Com este trabalho buscamos trazer à baila algumas considerações sobre como a literatura de Lima Barreto foi capaz de elaborar grandes problemas sociais do início do Século XIX, no caso, o drama do lugar do negro na Primeira República. Com isso procuramos mostrar que a base da literatura de Lima Barreto era a realidade que o rodeava. O escritor soube nos mostrar que os negros foram extraordinariamente excluídos do processo modernizador. Morando em cortiços no centro ou sendo empurrados para os arredores das cidades para povoar as favelas e morros, viveram à margem do Brasil que “rumava ao progresso”.

O objetivo do escritor era denunciar desmandos do poder público e, com isso, combater os privilégios de várias classes que lucravam com a exclusão social, criticar o planejamento urbano da cidade, além de cobrar da sociedade a inserção social do negro. A finalidade era

¹⁶ Idem, p. 49.

lançar luz aos excluídos do Brasil. As críticas ácidas e a elaboração na escrita nos mostram a construção de análises sociais importantes, lembrando que estava em uma época em que posicionamentos como os dele geravam consequências, e assim ocorreu, com o isolamento artístico e ficando à margem dos cânones literários, tendo a maior parte de suas obras publicadas postumamente.

Enfrentando a mídia, que dizia ter nos morros e favelas somente negros desordeiros e bandidos, Lima Barreto nos traz uma rica descrição de uma comunidade simples, na exclusão, mas repleta de gente honesta, trabalhadeira, criando os filhos com valores nobres e juntos numa solidariedade que os une nos momentos de sofrimento. E fez mais do que isso: colocou uma mãe solo negra e seu menino como protagonistas. Com isso ele busca chamar a atenção para que uma nova geração, como a do moleque Zeca, não se torne invisível aos olhos do Estado e da sociedade.

Ele utilizou seu mais nobre talento - a escrita - para dar espaço aos que foram esquecidos pela sociedade, pois sua literatura era sua missão. Talvez *solidariedade* seja a palavra mais adequada para descrever esse escritor que se notabilizou por ousar escrever sobre os desvalidos e desamparados do país, que queria progredir, mas sem incluir os negros. Lima Barreto tomou como luta pessoal a luta pela inclusão, pela igualdade social e sua literatura foi a ferramenta de sua militância.

Ao trazermos muitas das questões que ocorriam no Brasil em transformação, vimos que Lima Barreto, como grande pensador social, se tornou um catalisador que soube capturar e compreender muitos dos dilemas que se apresentavam. O escritor sabia que o fenômeno artístico é também um fenômeno social, isso porque não pode ser deslocado de sua realidade sócio-histórico-cultural. Como nos ensina Candido (2006), a obra não termina em si mesma e em como foi recepcionada, haja vista seus desdobramentos se sucederem e estarem sob diversas vertentes de interpretação, crítica e análise no decorrer do tempo. E, no Brasil de hoje, podemos ver que a obra do escritor torna-se atual, pois espelha a realidade de muitas favelas e seus moradores, as muitas contradições que emergiram na Primeira República e não foram solucionadas até agora.

Referências

AMORIM, C. Lima Barreto: ficção como denúncia. *In: Ensaios Premiados: a obra de Lima Barreto*. Brasília: Ministério das Relações Exteriores, 2008.

BARBOSA, F. de A. *A vida de Lima Barreto*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

BARRETO, A. H de L. O Moleque. *In: História e sonhos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

BELCHIOR, P. Tristes subúrbios: literatura, cidade e memória em Lima Barreto (1881-1922). Dissertação (Mestrado). *Universidade Federal Fluminense*, 2011

CANDIDO, A. *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.

CARVALHO, J. M. de. Cidadania: tipos e percursos. *In: Estudos Históricos*. N.º18/1996. Disponível em <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewFile/2029/1168>. Acesso em 2 Jul. 2024.

CARVALHO, J. M. de. *Os bestializados e a República que não foi* – São Paulo: Companhia da Letras, 1987.

CARVALHO, J. M. de. *A formação das almas: O imaginário da república no Brasil*. S.P., Cia das Letras, 1990.

CHAGAS, G. A língua dos anjos caídos não se ouve no Brasil: uma leitura decolonial do conto “O moleque”, de Lima Barreto. *Revell - Revista de Estudos Literários da UEMS, [S. l.]*, v. 2, n. 32, p. 53–78, 2022. DOI: 10.61389/revell.v2i32.7047. Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/index.php/REV/article/view/7047>. Acesso em: 2 Jul. 2024.

CHALHOUB, S. *Cidade febril: Cortiços e epidemias na corte Imperial*. São Paulo. Companhia das Letras, 1996.

CHALHOUB, S. *Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Epoque*. Campinas/SP: Editora Unicamp, 2012.

CRUZ, H. D. da. *Os morros cariocas no novo regime: notas de reportagem*. Rio de Janeiro: S/E. 1941.

COUTINHO, C. N. O significado de Lima Barreto na Literatura Brasileira. *In: Realismo e anti-realismo na Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972, pp. 1-74.

FERNANDES, F. *A integração do negro na sociedade de classe*. São Paulo: Editora Globo, 2008.

FERNANDES, F. *Sociedade de classes e subdesenvolvimento*. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

FERNANDES, F. *O significado do protesto negro*. São Paulo: Cortez, 1989.

FERNANDES, F. O protesto negro. *Rev. São Paulo em Perspectiva*, São Paulo, n. 02, v. 02. abr./jun. 1988.

FERNANDES, F. *A revolução burguesa no Brasil: ensaio de interpretação sociológica*. 5. ed. São Paulo: Globo, 2006.

MATTOS, R. C. As Favelas na Obra de Lima Barreto. *Revista Urbana*, ano 02, n. 02, Dossiê: Cidade, Imagem, História e Interdisciplinaridade. Disponível em <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/urbana/article/view/8635236/3040>. Acesso em: 14 Set. 2024.

MATTOS, R. C. Pelos Pobres! As campanhas pela construção de habitações populares e o discurso sobre as favelas na Primeira República. Tese (Doutorado em História) – Departamento de História, *Universidade Federal Fluminense*, Niterói, 2008.

QUEIROZ FILHO, A. P. de. Sobre as origens da favela. *Revista Mercator*, Fortaleza, v. 10, n. 23, p. 33-48, set./dez. 2011. Disponível em [file:///C:/Users/Particular20/Downloads/651-1-3002-5-10-20120511%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Particular20/Downloads/651-1-3002-5-10-20120511%20(1).pdf). Acessado em 29 de Ago. 2024.

RESENDE, B. *Lima Barreto e o Rio de Janeiro em fragmentos*. São Paulo. 2016. Editora Autêntica.

SAES, D. *A formação do Estado burguês no Brasil (1888-1891)*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

SAES, D. *República do capital: capitalismo e processo político no Brasil*. São Paulo: Boitempo, 2001.

SANT'ANNA, C. N. de. Marcas e metáforas do Rio de Janeiro escrito e vivido por Lima Barreto, 2013. Tese (Doutorado em Ciências Sociais.) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, *Universidade do Estado do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 2013

SCHWARCZ, L. M. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil: 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SCHWARCZ, L. M. *Lima Barreto: triste visionário*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

SILVA, K. V.; SILVA, M. H. *Dicionário de conceitos históricos*. 2.^a Ed. São Paulo: Ed. Contexto, 2009.

SEVCENKO, N. *Literatura como missão. Tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

SEVCENKO, N. *A revolta da vacina: mentes insanas em corpos rebeldes*. São Paulo: Scipione, 2003.

VALLADARES, L. do P.. *A invenção da favela: do mito de origem à favela.com*. Rio de Janeiro: FGV Editora. 2005.

Lima Barreto como pensador social: breves consideraciones sobre el lugar del pueblo negro em la Primeira República

Resumen

El objetivo de este artículo es analizar algunos puntos sobre el lugar reservado a los negros tras la abolición de la esclavitud. A través de la mirada del escritor Lima Barreto, analizaremos cómo el proceso modernizador que tuvo lugar en la Primera República (1889-1930) expulsó a los negros recién liberados a la periferia de las ciudades. Desde esta perspectiva, veremos cómo se formaron las favelas y cómo el escritor nos mostró, en muchas de sus obras, que esta suburbanización se perfilaba como un elemento de segregación racial. Lima Barreto denunció el hecho de que los negros eran abandonados por el gobierno y, al mismo tiempo, no eran bien recibidos por la sociedad. En sus obras se describen las primeras formaciones de lo que hoy conocemos como favelas, por lo que vamos a echar un vistazo a cómo surgieron. Para ello, además de mencionar algunas de sus obras, traeremos un cuento específico del autor - O Moleque - en el que mostraremos cómo el escritor construye la narración y pone como protagonistas a dos personajes negros. Utilizando el método de análisis sociológico propuesto por Antonio Candido (2006), intentaremos sacar a la luz las peculiaridades de la forma de expresión de Lima Barreto, con el fin de comprender la estructuración histórica descrita, sus dinámicas y contradicciones. Como resultado de la investigación, mostraremos cómo la literatura puede ser una fuente importante para comprender los dilemas de la sociedad en una época determinada y, además, que Lima Barreto fue un importante pensador social.

Palabras-clave: Lima Barreto; Favela; O Moleque; Pensamiento Social; Primeira República.

Lima Barreto comme penseur social: brèves réflexions sur la place du peuple noir dans Première République

Résumé

L'objectif de cet article est d'analyser quelques points concernant la place réservée aux Noirs après l'abolition de l'esclavage. À travers le regard de l'écrivain Lima Barreto, nous analyserons comment le processus de modernisation qui a eu lieu dans la Première République (1889-1930) a expulsé les Noirs nouvellement libérés vers la périphérie des villes. Dans cette perspective, nous verrons comment les favelas se sont formées et comment l'écrivain nous a montré, dans plusieurs de ses œuvres, que cette banlieue était en passe de devenir un élément de ségrégation raciale. Lima Barreto a dénoncé le fait que les Noirs étaient abandonnés par le gouvernement et qu'ils n'étaient pas accueillis par la société. Les premières formations de ce que nous appelons aujourd'hui les favelas sont décrites dans ses œuvres, c'est pourquoi nous allons voir comment elles ont vu le jour. Pour ce faire, outre l'évocation de certaines de ses œuvres, nous inclurons une nouvelle spécifique de l'auteur - O Moleque - dans laquelle nous montrerons comment l'écrivain construit le récit et met en scène deux personnages noirs. En utilisant la méthode d'analyse sociologique proposée par Antonio Candido (2006), nous tenterons de mettre en évidence les particularités de la forme d'expression de Lima Barreto, afin de comprendre la structuration historique décrite, sa dynamique et ses contradictions. À l'issue de cette recherche, nous montrerons que la littérature peut être une source importante pour comprendre les dilemmes de la société à une époque donnée et que Lima Barreto a été un penseur social important.

Mots-clés: Lima Barreto; Favela; O Moleque; Pensée sociale; Première République.

Lima Barreto as a social thinker: brief considerations on the place of black people in the First Republic

Abstract

The aim of this article is to analyze some points about the place reserved for black people after the abolition of slavery. Through the eyes of the writer Lima Barreto, we will analyze how the modernizing process that took place in the First Republic (1889-1930) expelled the newly freed blacks to the outskirts of the cities. From this perspective, we will see how the favelas were formed and how the writer showed us, in many of his works, that this suburbanization was shaping up to become an element of racial segregation. Lima Barreto denounced the fact that blacks were abandoned by the government and at the same time were not welcomed by society. The first formations of what we know today as favelas are described in his works and, for this reason, we will take a look at how they came about. To do this, as well as mentioning some of his works, we'll include a specific short story by the author - *O Moleque* - in which we'll show how the writer constructs the narrative and casts two black characters as the protagonists. Using the method of sociological analysis proposed by Antonio Candido (2006), we will try to bring out the peculiarities of Lima Barreto's form of expression, in order to understand the historical structure described, its dynamics and contradictions. As a result of the research, we will show how literature can be an important source for understanding the dilemmas of society at a given time and, furthermore, that Lima Barreto was an important social thinker.

Keywords: Lima Barreto; Favela; *O Moleque*; Social Thought; First Republic.